

**Análise Aplicada do Comportamento (ABA): Contribuições para a  
intervenção com Autismo.**

**Cíntia Guilhardi (Gradual, USP)**

**Claudia Romano (Gradual, PUC-SP)**

**Leila Bagaiolo (Gradual, USP)**

Temos pelo menos duas pretensões com esse capítulo: 1) conduzir o leitor a conhecer o que é ABA e compreender seu alcance para uma intervenção científica no comportamento humano; e 2) desfazer alguns mal entendidos, que acabem reduzindo o termo ABA a um método específico para solucionar problemas relativos ao Autismo.

O termo ABA, comumente associado ao tratamento de indivíduos com Autismo, Síndrome de Asperger, Transtorno Invasivo do Desenvolvimento, ou enfim, qualquer forma de desenvolvimento atípico, vem da abreviação das iniciais do inglês “*Applied Behavior Analysis*” (Análise Aplicada do Comportamento). A Análise do Comportamento, também conhecida como *Behaviorismo Radical* ou Comportamentalismo, é uma abordagem dentro da Psicologia, que teve como principal mentor B. F. Skinner (1904-1990). A Análise do Comportamento é sustentada por um tripé: pesquisa básica, aplicada e teórica. A pesquisa básica busca, com experimentação baseada em controle de variáveis, responder a questões científicas importantes para embasar o escopo teórico; a pesquisa aplicada utiliza os conceitos básicos para intervir em questões sociais relevantes e, a pesquisa e reflexão teórica constroem os conceitos explicativos do comportamento. Assim sendo, a Análise Aplicada do Comportamento (ou o termo ABA) nada mais é do que uma linha de atuação dentro da abordagem comportamental, na qual aplicamos seus conceitos teóricos e filosóficos às necessidades e os problemas da sociedade. E, certamente, o Autismo é um desses problemas. A Análise do Comportamento é aplicada ao Autismo, assim como é aplicada à educação, ao ambiente empresarial, à clínica, ou ao esporte, por exemplo.

Uma vez que significamos o termo ABA, precisamos agora esclarecer porque ABA é reduzida, no linguajar do senso comum, ao trabalho com desenvolvimento atípico, mais especificamente o Autismo. Para explicarmos essa redução precisaríamos recorrer a fatores históricos, sociais, econômicos que nos remetem ao princípio dessa abordagem. Mas, sem podermos esgotá-los nesse texto, levantaremos algumas causas a partir de uma breve retrospectiva histórica da ABA.

Apesar da Análise do Comportamento ter sua gênese na década de 30, quando Skinner começou a estudar a Psicologia, ainda não existia nesse início o termo ABA. Nessa fase inicial, os estudos de Skinner, baseados em um novo método experimental, compunham a Análise Experimental do Comportamento (pesquisa básica com sujeitos infra-humanos); as duas décadas seguintes (40 e 50) foram marcadas pela extensão dessa metodologia experimental com infra-humanos para sujeitos humanos, com o foco mais experimental e conceitual que aplicado. Foi em meados de 50 e na década de 60 que a Análise do Comportamento começou também a ser aplicada e bem sucedida nessa aplicação. Como a Análise do Comportamento era uma abordagem nova na Psicologia, portanto, sem tanta confiabilidade e divulgação o espaço social que se abriu para pesquisa foi com pessoas institucionalizadas (em manicômios, prisões, hospitais). A partir da década de 70 abre-se espaço para o aprofundamento de pesquisas aplicadas com autismo; e desde sua origem, a ABA foi se especializando nesse tema<sup>1</sup>. Tamanha foi a propagação de pesquisas em Análise Aplicada do Comportamento com Autismo e a eficiência dessa intervenção que temos um grande impacto, principalmente nos EUA, da ABA com Autismo (desenvolvimento de grandes centros especializados; manuais para pais, profissionais e para-profissionais; periódicos científicos dedicados exclusivamente a esse tema; fomento governamental em alguns estados para esse tipo de intervenção, por exemplo). Assim, ABA tornou-se fortemente associada ao tratamento para Autismo<sup>2</sup>.

Definido esse termo (ABA) e o impacto que o tratamento com Autismo alcançou na área aplicada dessa ciência (gerando associações incorretas), faz-se necessário entender porque ABA não pode ser reduzida a um método, uma técnica ou um protocolo. Um ponto crucial nesse esclarecimento é definir o que é aplicar conceitos e procedimentos derivados de uma ciência experimental; para tanto, vamos definir o termo Aplicada. Três autores, com grande impacto na Análise do Comportamento (Baer, Wolf, & Risley, 1968), em um artigo seminal relativo à ABA definiram algumas dimensões que deveriam nortear a prática do analista do comportamento. Segundo os autores, a 'Aplicação' ao ser caracterizada pela cientificidade se contrapõe a uma prática baseada apenas na 'prestação de serviços'; na 'prestação de serviços', o profissional precisa resolver questões práticas do seu cliente e utiliza conceitos e procedimentos já testados cientificamente para intervir, assim sendo, está sob controle das demandas do seu cliente. Em contraponto, uma 'Aplicação' precisa ao mesmo tempo, intervir num problema

---

<sup>1</sup> Para informações mais detalhadas sobre os dados históricos aqui citados consultar [Johnston...](#)

<sup>2</sup> [Citar nosso texto da Memnon.](#)

concreto e contribuir para a construção do conhecimento científico dentro de uma ciência. Portanto, o analista do comportamento fica sob controle do cliente no tratamento e, paralelamente, da produção de ciência no seu fazer acadêmico. Um fazer científico em Análise do Comportamento interessa-se por manipulação e controle de variáveis, e está comprometido com a continuidade da produção de conhecimento dentro de uma linha de pesquisa.

Além disso, Baer e col (1968) discutem que, para garantir a cientificidade e a qualidade da ABA, os analistas do comportamento deveriam nortear-se por sete dimensões de ciência aplicada. Utilizando a terminologia dos próprios autores, ela deve ser **Aplicada** (ou utilizada) para atender às necessidades do indivíduo e da sociedade, ou seja, o comportamento a ser estudado deve ser aquele socialmente relevante. A intervenção deve ser **Conceitual** no sentido de seguir os princípios e a filosofia do Behaviorismo Radical, ou seja, deve estudar o comportamento como produto de eventos ambientais (dentro e fora da pele) e propor procedimentos embasados nesse escopo teórico; os comportamentos em estudo devem ser identificados e medidos com precisão e confiabilidade, antes, durante e após a introdução dos procedimentos comportamentais, só assim atinge-se a dimensão de uma intervenção **Comportamental**. A intervenção deve ser, ainda, **Analítica** demonstrando que a mudança comportamental foi produto dos procedimentos e programas comportamentais e não produto de outras variáveis espúrias (não controladas). Obviamente, como todos que optam pela ABA buscam, a intervenção tem que ser **Efetiva** (ela deve melhorar as condições comportamentais do indivíduo em questão) e produzir mudanças **Generalizadas**, ou seja, que os novos padrões comportamentais sejam mantidos no tempo, apareçam em diferentes ambientes ou contextos e que novos comportamentos relacionados sejam desenvolvidos sem uma intervenção direta. Por fim a ABA tem que ser **Tecnológica**, uma vez que os procedimentos provindos do escopo teórico da análise do comportamento devem ser bem descritos e definidos, de modo que nossos pares possam utilizá-los de maneira fidedigna.

Esclarecendo todas as dimensões que a ABA precisa preservar, vale agora destacar que o analista do comportamento, ao intervir e fazer ciência Aplicada com Autismo deve procurar ser fiel à definição de comportamento em toda sua complexidade.

Skinner definiu o comportamento como a relação entre eventos antecedentes (1), as próprias ações dos indivíduos (2)<sup>3</sup>, e os eventos conseqüentes (3); essa contingência

---

<sup>3</sup> No linguajar técnico essas ações devem ser denominadas de *respostas*.

de três termos é a nossa unidade mínima de análise de qualquer comportamento. O comportamento, assim definido, foi denominado de comportamento operante<sup>4</sup>; operante no sentido de que a resposta do indivíduo opera no ambiente e este, por sua vez, retroage sobre as mesmas respostas. No comportamento operante, a ênfase é dada às conseqüências do comportamento, que podem alterar a probabilidade futura de ocorrência do mesmo. Para entendermos o porquê<sup>5</sup> de qualquer comportamento (incluindo das pessoas com Autismo), temos que olhar para os eventos que precedem a resposta, bem como para os eventos que a sucedem. A essa análise minuciosa (antecedentes e conseqüentes de uma dada resposta), denominamos Análise Funcional, e com ela identificamos a função de um determinado comportamento, ou seja, o que mantém este comportamento.

Diante de um problema como o Autismo, o analista do comportamento precisa analisar funcionalmente os comportamentos-alvos e atuar em duas grandes frentes: 1) ampliação e aquisição de comportamentos deficitários ou inexistentes no repertório (em diferentes áreas: verbal, acadêmica e pré-acadêmica, social, de brincar, profissional, de atividade física, artística) e 2) diminuição de comportamentos em excesso e que são inadaptação (restrição de interesses e motivação, comportamentos auto-estimulatórios - como as estereotípias motoras e vocais, birras, comportamentos agressivos em relação ao outro e a si mesmo). Essas duas frentes devem caminhar em conjunto, concomitantemente. E, o objetivo último e maior delas é a generalização, ou seja, a construção de um repertório comportamental que se sustente em diferentes ambientes, com diferentes pessoas, gerando uma inclusão social, escolar e profissional para o autista.

Muitos passos devem compor uma Análise Aplicada do Comportamento com Autismo respeitando as sete dimensões da aplicação<sup>6</sup>, mas independente de definir esses passos, nosso grande objetivo inicial desse artigo é atingido quando salientamos que a Análise do Comportamento (seja Aplicada – ABA - ou Experimental) nos coloca diante de um novo paradigma sobre o comportamento humano, o qual nos possibilita uma mudança efetiva das relações, e tem, por isso transformado a vida de muitas famílias que enfrentam a questão do Autismo.

---

<sup>4</sup> Skinner referendou este tipo de comportamento para diferenciá-lo do comportamento estudado até então pelos pesquisadores da época que era o comportamento reflexo.

<sup>5</sup> Em termos técnicos, utiliza-se a nomenclatura *os determinantes* para definir os porquês.

<sup>6</sup> Mais detalhes sobre esses passos (como a Avaliação, o próprio fazer da Intervenção Comportamental, Treinamento de equipe multidisciplinar, etc.) pode ser encontrado em Bagaiolo e Guilhardi (2002).

Baer, D. M., Wolf, M. M., & Risley, T. R. (1968). Some current dimensions of applied behavior analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 1, 91-97.

Bagaiolo, L. e Guilhardi, C. (2002). Autismo e preocupações educacionais: um estudo de caso a partir de uma perspectiva comportamental compromissada com a análise experimental do comportamento. *Sobre comportamento e Cognição*, vol. 9, 67-82.

Bagaiolo, L.; Guilhardi, C. e Romano, C. (X). Análise Aplicada do Comportamento e contribuições para a intervenção junto a indivíduos com desenvolvimento atípico. *Temas em Desenvolvimento*. Menon

Iwata, B. A., Bailey, J. S., Neef, N. A., Wacher, D. P., Repp, A. C., & Shook, G. L. (1995). Behavior Analysis in Developmental Disabilities. Edition: 1968-1995.

Johnson Penypaker

Northup, J., Vollmer, T. R., & Serret, K. (1993). Publication trends in 25 years of the Journal of Applied Behavior Analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 26, 527-537.

Skinner, B. F. (1957). *Verbal Behavior*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.